

Como o panda-gigante, o mais carismático e querido dos bichos, está sendo salvo da extinção na China

Os chineses sabem criar pandas-gigantes. Agora estão soltando esses animais na natureza, com risco para os simpáticos animais e seu hábitat

Fonte: NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL ONLINE | Por: Jennifer S. Holland



Ye Ye, uma panda-gigante de 16 anos, repousa no centro de conservação da Reserva Natural Wolong. Seu nome, escrito com caracteres que também representam Japão e China, celebra a amizade entre os dois países. A filha de Ye Ye, Hua Yan, está em treinamento para ser solta na natureza.

Eu me agacho na grama para ver mais de perto a pequena criatura que vem bamboleante na minha direção. Do tamanho de uma bola de futebol, ela tem uns 4 meses, olhos saltados e é macia e cheirosa como um cachorrinho novo. Dá vontade de pegar no colo e apertar.

Tanta fofura é uma das razões de o [panda-gigante](#) ser uma sensação internacional, além de ícone cultural, mina de ouro econômica e fonte de orgulho nacional da **China**, o único país onde esses ursos asiáticos ainda

sobrevivem. Agora, o mundo assiste aos tenazes esforços chineses para manter os pandas no mapa e seu êxito inesperado em alguns aspectos.

Como muitas [espécies ameaçadas](#), os **pandas-gigantes** declinaram conforme a população humana cresceu e se apoderou de terras antes incultas. O problema não desapareceu depois que a espécie foi considerada ameaçada, em 1990. Há um quarto de século os chineses vêm aperfeiçoando métodos de reprodução e formando uma população com centenas desses animais – enquanto aproveitam para faturar milhões de dólares dos turistas. Mas uma coisa é criar animais em cativeiro diante de multidões embevecidas, outra é assegurar a sobrevivência de uma espécie na natureza. Chegou a hora de decidir se o panda se tornará uma relíquia atrás de grades ou se andará livre na natureza.

O panda-gigante é mestre em adaptação. “Nós, seres humanos, estamos acostumados a mudar o ambiente para adequá-lo às nossas necessidades”, diz Zhang Hemin, diretor do Centro de Conservação e Pesquisa para o Panda-Gigante na China, que supervisiona três bases de pandas: Bifengxia, Dujiangyan e Wolong. “Já os pandas mudaram para se adequar ao ambiente.”

O tempo e a necessidade sintonizaram os pandas para prosperarem em um hábitat muito específico. Esses [ursos](#) – e eles são ursos mesmo, segundo seu DNA – ainda têm a mesma estrutura de seus parentes carnívoros, com dentes caninos para rasgar carne e enzimas para digeri-la.

Lacunas no registro fóssil nos impedem de saber exatamente quando eles divergiram dos demais ursos. Uma mandíbula encontrada na Espanha indica que um panda primitivo viveu por volta de 11,6 milhões de anos atrás, enquanto evidências de DNA apontam para 18 milhões. E ossos achados em uma caverna na China mostram que os pandas-gigantes como os conhecemos existem há pelo menos 2 milhões de anos.



Zhang Hemin, conhecido como “Papai Panda”, mostra um filhote que nasceu, em 2015, na Base de Pandas Bifengxia. “Alguns moradores dizem que os pandas têm poderes mágicos”, diz Zhang, que chefia iniciativas de conservação na China. “Para mim, eles representam a beleza e a paz.” - Foto: Ami Vitale

Quando e por que os pandas se tornaram vegetarianos são questões controversas, mas esses longos períodos de adaptação deixaram aos pandas algumas ferramentas únicas, como seus molares achatados para esmagar e um apêndice semelhante a um polegar que é uma extensão do osso do punho, muito útil para o manuseio de bambu. Curiosamente, os pandas não possuem nenhum micróbio intestinal específico para a digestão do bambu, a planta que compõe 99% de sua dieta. Essa é uma razão de eles mostrarem relativamente pouca energia. Para absorver os nutrientes necessários, os pandas comem de 9 a 18 quilos de matéria vegetal por dia.

A predileção por uma flora específica que cresce melhor sob grandes árvores antigas, dotadas de buracos bons para esconder os filhotes, impede que os pandas vivam em qualquer lugar. Tanta especialização os prejudica. Outrora, a espécie era encontrada do sul e leste da China até o norte de Mianmar e do Vietnã. Hoje, seu habitat só existe em trechos montanhosos da China, em talvez 1% de sua área de vida histórica.

Quantos pandas existem? Pesquisadores tentam contá-los desde os anos 1970, quando havia cerca de 2 500 desses animais. A população sofreu uma queda drástica nos anos 1980, em parte devido a um declínio natural periódico do bambu. Os pandas conseguem sobreviver a eventos ecológicos naturais desse tipo se mudando para um habitat mais bem suprido de alimento, mas, se não tiverem para onde ir, morrem de fome.

O mais recente levantamento do governo chinês, feito em 2014, contou 1 864 espécimes na natureza, 17% a mais que em 2003. Contudo, Marc Brody, um conservacionista subvencionado pela National Geographic Society que fundou a ONG Panda Mountain, alerta que não convém confiar em números específicos: “Talvez, simplesmente, estejamos aprendendo a contar melhor os pandas”. Além disso, as áreas de vida e os métodos de levantamento variam – atualmente, incluem até a análise das fezes dos pandas.

Enquanto isso, os chineses andam empenhadíssimos na reprodução em cativeiro de seu icônico urso. Até fins da década de 1990, o que se viu foi uma série de tentativas fracassadas, tanto para gerar como para manter vivos os filhotes. Com ajuda estrangeira, os chineses viraram o jogo. David Wildt, do Departamento de Biologia Conservacionista do Instituto Smithsonian, integrou a equipe internacional que começou a trabalhar com cientistas chineses nas áreas de biologia e criação de pandas. “Logo eles estavam com uma porção de bebês”, conta. Agora, “os pandas são os animais em cativeiro com a maior diversidade genética”, explica um colega de Wildt, o geneticista Jonathan Ballou, criador do algoritmo que os chineses, hoje, aplicam para promover o cruzamento dos animais.



Cego, quase sem pelos, chorão e com 1/900 do tamanho de sua mãe, um recém-nascido é a coisinha mais dependente do mundo. Mas o panda é um dos mamíferos de crescimento mais rápido, e passa de 0,1 para 1,8 quilo no primeiro mês de vida - Foto: Ami Vitale

Grande parte da ação acontece na Base de Pandas Bifengxia, ou BFX, onde tenho meu contato imediato com filhotes. Aqui, em pátios a céu aberto, os visitantes podem ver ursos adultos curvados sobre o ventre bojudado, mastigando sem modos os compridos talos de bambu.

Mais acima na encosta fica o prédio de acesso permitido somente a funcionários onde funciona o programa de reprodução. Os recintos de concreto têm portas com barras de ferro, cada qual dando entrada a um cercado ao ar livre. Em geral, cada um abriga uma panda que está comendo ou dormindo, às vezes com um filhote no colo. “Mesmo depois de tantos anos, sempre que uma panda engravida ou dá à luz aqui, a alegria e a empolgação são gerais”, me diz Zhang Xin, um veterano com jeitão de urso. “Todos os dias, vamos ver os adultos, os bebês, o quanto estão comendo, como estão suas fezes, se estão animados. Queremos que sejam saudáveis.”

Quase nada é natural na produção de pandas nesse ambiente. Pôr um macho junto com uma fêmea pode até provocar agressão em vez de amor e sexo. Para criar um clima, os chineses já apelaram para o “panda porn” –

vídeos de acasalamento dos ursos –, além de maçãs espetadas em varas para atizar os machos a assumir a posição de montar, ervas e até Viagra, sem falar nos brinquedos sexuais. O diretor Zhang Hemin, também conhecido como “Papai Panda”, lembra uma constrangedora compra em uma sex shop em Chengdu. “Dissemos ao vendedor que precisávamos de um estimulador genital feminino com aquecimento”, diz. “E então tive de pedir recibo para sermos reembolsados pelo governo.”

O protocolo atual inclui inseminação artificial, às vezes com espermatozoides de dois machos. Parte da dificuldade está no fato de que as pandas entram no cio apenas uma vez por ano, durante míseras 24 a 72 horas. Endocrinologistas monitoram os hormônios na urina preditivos da ovulação, e podem inseminar a fêmea várias vezes por um ou dois dias para aumentar a probabilidade de implantação. Então, por meses, as fêmeas deixam seus cuidadores no maior suspense. “É difícil até mesmo saber se uma panda está grávida”, explica Zhang Guiquan, diretor da BFX. “O feto é tão minúsculo que facilmente passa despercebido na ultrassonografia.” As pandas podem ter implantação tardia, períodos de gestação extremamente variáveis, oscilações hormonais aleatórias e abortos discretos.

Ao longo de milhões de anos, os ursos deram conta do recado sem intervenção humana, baseados em ciclos naturais, marcação de território pelo odor, chamados de acasalamento e relações sociais quase ausentes em cativeiro.

A artificialidade desse e de outros aspectos na vida dos pandas preocupa Sarah Bexell, da Universidade de Denver, que trabalhou em outro centro de reprodução desses animais: “Ursos são estoicos, especialmente os pandas. Eles aprendem a suportar e podem parecer descontraídos”, explica ela, “mas, se pudéssemos entrevistá-los, ouviríamos algo bem diferente”. William McShea, ecologista do Smithsonian, acrescenta: “O que estamos pedindo que façam – basicamente, ter relações sexuais numa cabine telefônica com uma multidão assistindo – não tem nada a ver com a verdadeira reprodução da espécie”.



Em Bifengxia, ursos acasalam-se observados por cuidadores, que buscam modos de possibilitar comportamentos reprodutivos naturais – por exemplo, marcação de território pelo odor, escolha de parceiro e competição entre machos - Foto: Ami Vitale

Ainda assim, os chineses estão obtendo bons resultados. Em 2015, nasceram 38 pandas na China. No jardim de infância de pandas, construído no centro da BFX, fica a imaculada sala da incubadora, onde os filhotes, quando não estão com a mãe ou a mãe adotiva, recebem cuidados dos seres humanos dia e noite. Separar mães e filhotes é uma prática controversa, mas a probabilidade de sobrevivência das crias aumenta quando os tratadores conseguem deixar um bebê aos cuidados de uma mãe adotiva atenciosa.

Liu Juan, tímida atrás dos óculos de aro quadrado, cumpre seu turno de 24 horas, o segundo daquela semana. Ela tem um filho pequeno, que fica em casa com sua família. “Aqui, o trabalho é maior, mas eu amo ficar com os pandas”, diz. Incubar os recém-nascidos, dar mamadeira, embalar, ajudar a arrotar, responder quando gemem pedindo atenção, massagear barrigas, pesar e medir, impedir que os que já andam façam arte... “É um trabalho que não acaba, uma loucura.” Os chinêses cor de laranja de Liu chamam no piso quando ela persegue um fujão. Ela conta que a pressão para manter os filhotes vivos é imensa: “Meu cabelo está caindo por causa do estresse. Eles são muito importantes para a China.”

A maioria dos pandas na BFX passará a vida em cativeiro, na China ou em zoológicos de outros países. Mas, em outra área da província de Sichuan, pesquisadores reservam um futuro mais selvagem para os ursinhos. Hetaoping, a mais antiga base de pandas na Reserva Natural Wolong, é uma série de construções de pedra num vale das Montanhas Qionglai Shan. Em fins dos anos 1970, os chineses instalaram uma estação de trabalho de campo nas encostas arborizadas da área e, desde 1980, atuam em conjunto com o WWF, a primeira organização ocidental a cooperar com o governo no manejo dos pandas. O WWF enviou o renomado biólogo George Schaller para chefiar os estudos que se tornaram a base do que hoje conhecemos sobre os pandas.

O diretor Zhang Hemin, o Papai Panda – assim apelidado por sua devoção a esses animais, e também porque as ursos em trabalho de parto nos centros parecem esperar a chegada dele para dar à luz – colaborou com Schaller na pesquisa de campo. “Foi quando aprendi a amar imensamente os pandas”, me diz ele, batendo no coração. Na época, sua panda favorita era uma fêmea curiosa que, numa noite de nevasca, detonou sua chaleira, roubou sua comida e se aboletou na barraca onde ele dormia. “Ela não queria ir embora. Usou a barraca durante meses: voltava toda noite e me deixava fezes de presente na cama.”

Bebês escolhidos em Hetaoping estão em treinamento para viver na natureza. Os cuidadores vestem uma fantasia de panda impregnada com odor de urina dos animais para que os filhotes não se habituem aos seres humanos. Aqui, um filhote permanece com a mãe e, no decorrer de dois anos, enquanto ele ainda está sob os cuidados dela, a mãe vai sendo encaminhada devagar para a vida selvagem. Depois de mais ou menos um ano, os dois são transferidos para um habitat vasto e cercado mais no alto da montanha, em que a mãe pode continuar a ensinar o filhote até ele ser solto se for considerado apto para a liberdade. Zhang explica que, para ser aprovado, o candidato tem de ser independente, temer outros animais, inclusive os seres humanos, e conseguir encontrar alimento e abrigo sem ajuda.



Um filhote de panda se deixa enganar por uma fantasia? É o que se espera no centro Hetaoping, em Wolong, onde o treinamento de ursos para voltarem à natureza inclui proteção do contato humano, mesmo num raro exame médico - Foto: Ami Vitale

Outra preocupação é com o habitat adequado para libertar os ursos. Desde os anos 1970, o número de reservas na China aumentou de 12 para 67 – o que faz do panda, no papel, o animal mais protegido do planeta. Acontece que muitas dessas reservas são diminutas, povoadas por seres humanos e cortadas por estradas e propriedades agrícolas. De qualquer modo, comenta McShea, do Smithsonian, mais de um terço dos pandas selvagens vive ou se aventura fora das fronteiras invisíveis das reservas, onde o habitat pode ser irrisório. Por outro lado, acrescenta ele em um tom positivo, “a caça ilegal não é problema aqui. Ninguém toca nos pandas. Pobre do caçador que matar algum”. (Caçar pandas era permitido na China até os anos 1960; hoje, quem abater um deles pode pegar 20 anos de cadeia.)

Outros problemas permanecem: por exemplo, os animais de criação que pastam no habitat dos pandas. “Cavalos e pandas gostam de encostas suaves e florestas de bambu. Os cavalos também comem bambu. Por isso, o impacto dos cavalos sobre a conservação dos pandas é significativo”, explica Zhang Jindong, da Universidade Normal do Oeste da China, que faz pesquisa em Wolong. Em 2012, o governo local determinou que os cavalos fossem retirados das florestas e incentivou os habitantes a “mudar para a criação de iaques e outros animais”, conta ele. Mas a presença desses outros animais também impele os pandas a se mudar, e “para onde eles podem ir?”

Um terremoto em 2008 matou dezenas de milhares de pessoas e arruinou habitações nas montanhas. O desastre, que destruiu parte de Hetaoping, deu ao governo um motivo para persuadir as pessoas que viviam no habitat dos pandas a se mudar. O poder público construiu vilarejos nas planícies para abrigar os desalojados e declarou vitória à conservação dos pandas.

Alguns moradores encontraram emprego na construção de uma nova rodovia que passa por túneis nas montanhas entre Chengdu e Wolong. Mas muitos se recusam a abdicar do seu antigo modo de vida. Li Shufang, uma mulher de 75 anos que visita na casa simples que ela divide com parentes, caminha várias horas por dia pela montanha para cuidar de porcos e de uma horta no local em que a família morava antes do terremoto. Quando pergunto como ela se sente por dar lugar aos pandas, ela dispara, no dialeto local: “Por que não mudam os pandas em vez de nós?”

Outros parecem mais satisfeitos com a vida “mais fácil” no vilarejo. Um morador torce para que, com um novo centro de criação e educação de pandas chamado Genda, em Wolong: “Talvez, quando a estrada for concluída e os turistas começarem a chegar, nós possamos ganhar dinheiro e, assim, nos ressentir menos pelo fato de os pandas serem tão importantes para o governo”. E prossegue: “Por enquanto, para mim, um panda é apenas um urso, nada de especial”.

Para transformar as terras desocupadas em habitat para os ursos, moradores são contratados para plantar mudas onde as florestas se reduziram devido ao desmatamento ou ao terremoto. Os chineses escolhem espécies de árvore de crescimento rápido, cujas raízes inibem a erosão. Mas elas não formam um bom habitat para os pandas: os bambus mais nutritivos nascem à sombra de árvores antigas, que levam décadas para amadurecer. O terreno montanhoso dificulta o plantio em grande escala, e com isso a paisagem permanece fragmentada, compartimentando também as populações de pandas. Barney Long, diretor da ONG Global Wildlife Conservation, diz que apenas nove das cerca de 33 subpopulações de pandas “são realmente viáveis”, com um número suficiente de animais para persistirem no longo prazo. A mudança climática irá piorar as coisas: modelos científicos alertam que, nos próximos 70 anos, o aquecimento poderá reduzir em quase 60% o habitat dos pandas-gigantes. Ao menos por ora, reconstruir, ligar e proteger habitats pode ser o melhor foco para a preservação. Mais importante que o número de filhotes produzidos, diz Marc Brody, é “a chance de dar um lar a esses jovens pandas”.



Pronta para a liberdade, Zhang Xiang (A Pensativa) dá seus primeiros passos na Reserva Natural Liziping, em 2013. Ela foi a primeira fêmea libertada desde que começaram as reintroduções. A julgar pelos sinais de sua coleira de rastreamento, está se saindo bem - Foto: Ami Vitale

Mandar pandas “para casa” teve resultados ambíguos até agora. Dos cinco animais libertados desde 2006, todos portando coleiras de rastreamento, três continuam na natureza. Dois foram encontrados mortos, provavelmente vítimas de agressão de pandas machos selvagens. Essas perdas foram desastres midiáticos para a China, mas levaram os cientistas a “tentar pensar mais como um panda, entender suas verdadeiras necessidades” e refinar os protocolos, explica Papai Panda. Assim como a reprodução, a devolução desses animais à natureza “vai demandar tentativa e erro, tempo e dinheiro”, diz McShea. “Mas os chineses conseguirão.”

Papai Panda também está confiante: “O objetivo maior é libertar”, me diz ele. “Até hoje, tive duas tarefas importantes na vida. Fazer os pandas se reproduzirem, o que já não é mais problema. Agora, temos de garantir que haja um bom hábitat e então pôr os pandas lá.”

E quando eles estiverem livres e prontos para se acasalar? “Esperamos que gostem uns dos outros, mas não poderemos interferir”, diz o cuidador Yang Changjiang, de Hetaoping. “O que virá em seguida vai depender deles.”

Em um recinto de treinamento em Wolong, Ye Ye, uma fêmea cujo nome homenageia a amizade entre o Japão e a China, aparece na cerca para ver se ganha mais alguma coisa para comer. Sua filha, Hua Yan (Menina Bonita), não está à vista, e isso é um bom sinal. A independência é crucial para a sobrevivência, e Ye Ye, de 3 anos, já está com o treinamento quase completo.

Mas, antes de ela ser libertada, será a vez de outro filhote. Ao longo de quatro dias em novembro, Hua Jiao (Beleza Delicada) é capturada, submetida a um último exame médico, equipada com uma coleira, posta em um engradado e levada por 300 quilômetros até a Reserva Natural Liziping. A área possui um bom hábitat para ursos, e sua pequena população de pandas está madura para receber um novo membro.

É um dia para o qual todos vêm se preparando desde o início desse excepcional experimento de conservação. A libertação de Hua Jiao é um passo pequeno, mas essencial, em um caminho longo e pedregoso. Com mais cinco filhotes em Wolong à espera de serem libertados nos próximos anos, a conservação de pandas, sem dúvida, será notícia – seja de tragédia, seja de triunfo.

Nessa manhã de novembro, sob um céu muito azul, quatro homens tiram o engradado de Hua Jiao do caminhão e o posicionam de frente para a floresta. Barreiras cobertas por bambus ocultam os espectadores e apontam o caminho adiante. Sem alarde, um cuidador abre a porta. De início, a jovem panda permanece no fundo do engradado, mastigando bambu, sua última refeição em cativeiro. A partir de hoje, ela irá se virar sozinha em tudo. Daqui a alguns anos, ela talvez procure um macho para se acasalar, e quem sabe, até o fim da vida, acrescente cinco ou mais filhotes à população. Não é nenhum número que vá mudar o futuro dos pandas, mas, para uma espécie ameaçada com menos de 2 mil animais na natureza, cada indivíduo importa.

Finalmente, Hua Jiao emerge, pisca ofuscada pela luz, afunda as patas no solo macio. E então, sem um último olhar para a vida que conheceu até agora, sai trotando para a liberdade.